

**SURGIMENTO ANTECIPADO:
PRÁTICAS E PESQUISAS ETNOGRÁFICAS
E ETNOLÓGICAS NO ILUMINISMO ALEMÃO**

VERMEULEN, Han F. *Before Boas: The Genesis of Ethnography and Ethnology in the German Enlightenment*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 2015. 746 p.

Before Boas é daqueles livros cuja leitura produz diferentes efeitos e reverberações, não apenas quanto ao material, cenários e interpretações propostas pelo autor, mas também pelos desafios e implicações teóricas e analíticas daquilo que é apresentado e na maneira pela qual se o faz.

Fruto de trabalho extenso de pesquisa, leitura e de acesso a materiais inéditos, esquecidos e/ou explorados de outra maneira, seu olhar permite ao mesmo tempo desdobrar e repensar um longo investimento mais recente em se investigar a gênese e os acúmulos de conhecimento produzidos pela antropologia e também os diferentes esforços interpretativos de sua história, desenvolvimento e movimentos, particularmente a partir de uma de suas versões mais aceitas, ou seja, do papel inovador e inaugural do antropólogo Franz Boas na condensação e consolidação de uma tradição de investigação germânica na constituição de uma

nova disciplina chamada Antropologia.

Sendo um livro construído através de diferentes esforços de aprofundamento sobre trajetórias, contextos e eventos, dotado de uma narrativa detalhada ao longo de seus sete capítulos — além de um epílogo e conclusão que condensam a investigação e projetam novas possibilidades de conhecimento —, *Before Boas* possui aquelas marcas de artesanaria e cuidado intelectual que são fundamentais na constituição de um campo investigativo mais complexo, sem para isso deixar de reconhecer a informação acumulada ao longo dos anos por diferentes pesquisadores. Produz no leitor um ganho de conhecimento evidente e de maneira pedagógica através de sua atenção ao detalhe e a precisão no fazer acadêmico. Tal cuidado também sinalizará os limites da abordagem, conclusões e recortes propostos pelo autor.

Marcadamente, Han F. Vermeu-

len vai construindo aos poucos o fio narrativo de sua obra, embora partindo da premissa inicial de que

etnografia e etnologia originaram-se no iluminismo alemão muito antes destes estudos se constituírem em outras partes da Europa e América. (p. xiii)

Seus argumentos são baseados largamente em diferentes materiais e momentos históricos de vários países, que vão sendo gradualmente apresentados permitindo ao leitor remeter-se a uma riqueza de temas e enfoques que o autor considera relevantes para estudantes de

antropologia, etnografia, e etnologia; da história da Rússia e Alemanha modernas; da ciência e sociedade durante o iluminismo (p. xiii),

e que faz com que cada capítulo revele conteúdos que em si já são temas de tal profundidade investigativa que renderiam uma pesquisa específica. Mas o autor aposta na riqueza das articulações teóricas e nos projetos de construção de conhecimento por diferentes atores, o que se torna uma das maiores qualidades analíticas da proposta por ele desenvolvida.

O livro de Vermeulen inicia com o capítulo “História e teoria da Antropologia e da Etnologia”, em que o autor recupera e destaca a importância e o crescimento das pesquisas sobre a história da disciplina. Realiza um balanço das diferentes formas de tratar a antropologia e sua história — indicando os mais de trinta

anos de pesquisa que conduziu em diferentes arquivos, com auxílio de muitos pesquisadores em vários países — e, de alguma maneira, se condensa na ideia citada na epígrafe, de que quando não se tem história (pesquisa), os homens criam mitos.

O autor enfatiza a recuperação de origens, sociedades de pesquisa, pesquisadores que têm sido tomados e recontados como fundantes da disciplina antropológica. Entre as versões apresentadas, acaba se desenhando a ideia de que a antropologia moderna teria se desenhado por volta da década de 1860, tendo Inglaterra, Estados Unidos e França como lócus centrais. Neste sentido, Vermeulen recupera diferentes autores, descobertas, formulações, conceptualizações, permitindo perceber como algumas contribuições seminais antecipariam em séculos a formulação de práticas, métodos, conceitos e um tipo de curiosidade e entendimento pela diversidade humana que só mais tarde se constituirá sob o nome de antropologia.

Particularmente no primeiro capítulo, a análise da literatura acerca das relações entre antropologia e colonialismo mostrará como numa Rússia imperial se produziram investigações, só possíveis em contextos coloniais, sobre povos e regiões. Esse encontro entre tradições acadêmicas e práticas coloniais em determinados cenários permitirá que a etnografia seja inventada por acadêmicos alemães na Rússia do século XVIII, se beneficiando a antropologia da exploração colonial

rusa da Sibéria (p. 28). Estas trocas acadêmicas favorecerão a constituição e difusão do conhecimento etnológico, mas este se fez em realidades históricas concretas, muitas delas diretamente constituídas através de empreendimentos coloniais. Afinal, a agenda colonial também consistia no inventário de populações. Conforme o autor,

[m]inha tese é que a antropologia não nasceu do colonialismo (como Gough e outros afirmam com base nos séculos XIX e XX) mas que desenvolveu-se dentro deste contexto (p. 28)

Neste capítulo também se enuncia outro elemento central e recorrente da argumentação do autor: a importância de cunhar termos e conceitos para a formulação da disciplina

Descrição dos povos [Volker-Beschreibung] (1740), etnografia [ethnographia] (1767-75), Conhecimento dos povos [Volkerkunde] (1771-81), e etnologia [ethnologia] (1781-83) (p. 34)

no contexto alemão. Atenta assim o autor para a diversidade étnica e a preocupação com a linguagem, e reforça o argumento geral da antecipação em um século do surgimento da etnografia e da etnologia. Após esta entrada, que define as preocupações de Vermeulen, os três capítulos seguintes articulam seu projeto e conexões investigativas.

No Capítulo 2, “Teoria e prática: G. W. Leibniz e o avanço da ciência na Rússia”, o autor recupera o

processo de construção dos saberes científicos, sua produção e redes de relações na Europa entre o final do século XVII e o início do século XVIII, exemplificando, especificamente, a trajetória de Leibniz, de seu programa de pesquisa científica, seu encontro com o Czar Pedro, o Grande, e a constituição de preocupações científicas na Rússia. É nesta conjuntura de encontros, trocas e a construção de uma demanda acadêmica que se produzirá o espaço onde a etnografia e a etnologia surgirão.

A ideia é indicar os antecedentes do período e de lugares pesquisados: as tensões, conflitos e rebeliões na conquista russa da Sibéria; as pretensões modernizadoras do império russo; a formulação de um programa de pesquisa inspirado nas concepções de Leibniz; a busca de sua execução através da fundação de instituições acadêmicas e a preocupação específica com coleta, sistematização e disseminação de dados. Através da atuação de acadêmicos alemães em território russo se esboçarão os futuros desdobramentos que levariam à formação da etnografia e etnologia alemãs.

O terceiro capítulo procura explicitar as relações entre iluminismo e pietismo que produzirão as condições para a formação de cientistas que encaminhariam as pesquisas alemãs na Sibéria. Neste capítulo, Vermeulen também apresenta um expediente recorrente no livro, qual seja, a trajetória de um pesquisador — no caso D. G. Messerschmidt — e as primeiras explorações e expedi-

ções na Rússia. Destaca-se o quadro explicativo composto pelo autor, em que diferentes interesses convergem para coleta e investigação científicas, especificamente como os objetivos formativos das escolas pietistas alemãs — centradas na construção, formação e aplicação de conhecimento — convergem na pesquisa sobre a região alvo de colonização do Império Russo. Essa correlação é exemplificada na trajetória e no legado de Messerschmidt, contratado para produzir estudos que permitiriam perceber o esboço das formas de investigação — relatórios, revistas científicas, listas, manuscritos, divulgação — em que a Sibéria é pensada como laboratório.

O Capítulo 4, “Etnografia e império: G. F. Müller e a descrição dos povos siberianos”, é central para os argumentos desenvolvidos por Vermeulen. Analisando detalhadamente a trajetória de Müller, seu programa de pesquisa, sua execução na segunda expedição a Kamchatka na Sibéria, os materiais coletados e produzidos por ele, o autor argumenta que nesta expedição não só se esboçou, mas se produziu a gênese da etnografia. Recupera o detalhamento, as técnicas, o esforço em produzir instruções e sintetizar dados etnográficos que marcariam a gênese da etnografia na Rússia do século XVII. Apesar do trabalho de Müller permanecer até recentemente pouco conhecido — devido às tensões na Academia de Ciências Russa e uma circulação restrita da copiosa

coleção de dados produzidos pela expedição — o cuidado em agregar informações de maneira extensiva e contínua constitui um marco na produção de conhecimento só recentemente recuperado e reconhecido.

Também é interessante o movimento de Vermeulen, ao pensar as relações entre antropologia e colonialismo, para fugir tanto de uma abordagem que não considera relevante pensar tais relações, por ser a antropologia uma disciplina com interesse científico, como a perspectiva de uma relação umbilical genérica entre os dois. Partindo do argumento de Talal Asad de que a estrutura de poder colonial tornou o objeto de estudo da antropologia acessível e seguro (p. 215), Vermeulen reconhece as relações específicas entre império e produção etnográfica na Rússia, ao mesmo tempo em que avalia que os dados produzidos pareciam de pouca serventia para a atuação cotidiana dos funcionários coloniais.

No quinto capítulo, denominado “Antropologia e o Oriente: C. Niebuhr e a expedição dinamarquesa alemã à Arábia”, Vermeulen analisa outras expedições para pensar elementos, contextos, objetivos e métodos que marcariam o período de constituição de uma nova ciência acadêmica. Recuperando a importância dos levantamentos, coletas e expedições que Linneu e seus discípulos empreenderam, bem como a busca por manuscritos bíblicos pela expedição à Arábia, organizada pelos pesquisadores da Universida-

de de Gottingen, o autor recupera circuitos, percursos, resultado e recepção das expedições, para mostrar programas de pesquisa e teorias que as informam. As semelhanças e diferenças entre as produções e trajetórias investigativas de Niebuhr e Müller são exploradas para destacar a preocupação de ambos em acumular materiais de uma pesquisa que, porém, é orientada por diferentes visões e sentidos – que o autor atribui, entre outros elementos, ao background acadêmico mais cartográfico de Niebuhr e mais historiográfico de Müller.

As discontinuidades de momentos, locais e perspectivas na constituição da disciplina ajudam a avançar a abordagem e o argumento de Han Vermeulen. No caso do Capítulo 6, “Do campo ao estudo: A. L. Schlözer e a invenção da etnologia”, o autor salienta a importância da figura central de August Ludwig Schlözer para que se construísse um olhar mais abrangente para a nova disciplina. A ideia é mostrar que pesquisadores como Leibniz, Linneu e Schlözer, em diferentes momentos, contribuíram para a produção de sínteses que ajudaram a constituição deste campo de conhecimento que será denominada etnologia muito antes de existirem as sociedades de etnologia nos Estados Unidos, França e Inglaterra. A preocupação de Schlözer com a linguagem, seu esforço para mapear e classificar línguas ajudará na criação da nomenclatura da disciplina, chamada de *Volkerkunde* (etnologia)

em 1771. A criação deste campo de conhecimento vem junto à criação de revistas etnológicas, enciclopédias, dicionários, que investem na ideia de uma etnografia regional e ajudará a produzir uma etnologia geral, reforçando o juízo do autor sobre o surgimento de um discurso etnológico como fruto do trabalho pioneiro de pesquisadores alemães.

Esse argumento será aprofundado no oitavo capítulo, “Antropologia no Iluminismo alemão: abordagens plurais para a diversidade humana”, que faz um mapeamento dos diferentes usos e formulações conceituais da antropologia. As demandas e disputas por termos, classificações e definições do que é a antropologia reforçariam a ideia de uma diversidade de formulações, entre elas o debate sobre se haveria uma só raça humana ou raças humanas. O autor procura explorar os diferentes estudos antropológicos do Iluminismo alemão, percebendo que vários deles, concebidos como etnológicos, foram conduzidos no Sacro Império Romano e na Rússia imperial no século XVIII, ao mesmo tempo em que aponta para a disseminação mais geral do termo antropologia para qualificar este tipo de interesse científico. É importante o destaque que o autor dá para a abordagem de viés mais histórico e compreensivo da etnologia alemã, em comparação com a perspectiva mais biologizante, médica, que emergirá fortemente no século XIX. Perspectiva esta que se consolidará como a versão mais recorrente da origem da disciplina

como vinculada ao evolucionismo do século XIX.

Vermeulen também estuda, neste último capítulo, a recepção da tradição etnográfica alemã em diversos países, como França, Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e Holanda. Sua atenção centrará na disseminação de sociedades antropológicas e etnológicas, de museus etnográficos e de terminologias utilizadas. Neste sentido, Franz Boas teria um papel central para a institucionalização e divulgação da moderna antropologia. Em alguma medida a recuperação histórica reforça a ideia de que o surgimento da etnografia moderna se deu 275 anos atrás, na atuação de pesquisadores alemães na Sibéria.

O argumento sobre essa nova gênese para a etnografia é reforçado na conclusão. Os elementos tradicionalmente considerados para pensar a institucionalização da etnografia e da etnologia no século XIX — museus especializados, sociedades científicas, revistas acadêmicas, professores e departamentos universitários — reforçam apenas versões consolidadas. O acesso ao material de pesquisa de Müller, recentemente publicado em alemão, permitiu que se tivesse conhecimento da execução de um programa de pesquisa com método sistemático e coleta extensiva. A anterioridade da etnografia como método e prática, calcada em técnicas de pesquisa inovadoras e uma perspectiva teórica muito distinta dos relatos de viagem à época é claramente demonstrada pela pesquisa de Vermeulen. Deste primeiro

movimento se constituirá um segundo, que busca conceituar como etnologia essa nova forma de pensar — novos termos e linguagem — e a consequente criação e disseminação de conceitos, práticas e publicações, distintos dos encontrados em estudos bíblicos ou de moral e costumes.

A pesquisa de Han Vermeulen abre possibilidades de melhor compreender situações históricas e etnográficas pouco conhecidas e fundamentais para a formação da antropologia; a criação, uso e disseminação de termos, teorias e práticas antropológicas; e uma história da disciplina mais complexa, além da reflexão sobre as relações entre antropologia e colonialismo.

O argumento de Vermeulen permite historicizar e complexificar versões mitificadas do surgimento da antropologia, como sua origem na antiguidade ou derivada das teorias evolucionistas. Esse mesmo rigor nos faz seguir seu argumento e nos faz perceber a complexidade de relações, redes e a constituição de uma nova disciplina; e também nos permite pensar em algumas questões que a abordagem suscita. Sua preocupação em colocar a gênese da etnografia na atuação de pesquisadores alemães no império russo permite-nos perguntar até que ponto a busca por uma gênese seria um elemento realmente significativo e/ou catalizador de uma disciplina.

O longo percurso para que etnografia, etnologia e antropologia se tornassem termos e práticas singulares, regulares e disseminadas nos faz

pensar até que ponto um surgimento específico é central para a compreensão histórica. Enquanto a gênese de certos termos remonta a seus primeiros usos, a variedade de sentidos só indica processos e debates muito mais extensos e variados, como o próprio autor aponta. Em alguma medida, se os dados, a proposta analítica e os debates teóricos recuperados e utilizados tornam plausível perceber as antecipações geradas em conjunturas e períodos pouco explorados, a ideia de um *fiat lux*, de uma gênese pensada como acontecendo um século antes, também nos faz perguntar até que ponto um momento, um evento ou um termo pela primeira vez anunciado são cruciais para o entendimento dos processos.

Em alguma medida, elencar um novo momento crucial apenas desloca e posterga uma visão menos romantizada e heroica da construção dos saberes científicos. Como o trabalho de Vermeulen explora bastante, as experimentações, disputas e desdobramentos são processos complexos que levam tempo para serem absorvidos, ganham sentidos distintos e, muitas vezes, a pouca circulação ou as disputas acadêmicas e/ou políticas postergam consolidações e aprofundamentos de abordagens inovadoras para as narrativas da história da antropologia. Sendo assim, mesmo se contrapondo a versões pouco complexas da história da disciplina, a preocupação em marcar uma gênese ou a primeira menção

de certos termos, muito mais do que indicar a originalidade ou a curiosidade por algum evento ou momento, atrela o autor a uma perspectiva de descoberta como elemento central para a antropologia.

Este mesmo movimento que o trabalho de Vermeulen sinaliza — a compreensão mais aprofundada, complexa e histórica dos fenômenos pesquisados — também produz outro estranhamento e, particularmente, uma ausência acerca dos empreendimentos investigativos e coloniais anteriores à expansão russa sobre a Sibéria. O período inicial da expansão europeia pelo globo gerou práticas e teorias que não só refletiam concepções e práticas medievais de conhecer e colonizar, mas, em grande medida, gerou as condições para que os acadêmicos alemães produzissem e experimentassem novas práticas investigativas e teóricas no século XVIII. Especificamente, a formação do império português — em muitos momentos com práticas e formulações nem sempre idênticas ao império espanhol — torna a perspectiva do compartilhamento de práticas e técnicas investigativas muito mais complexas, agregando ao que o excelente trabalho de Vermeulen nos apresenta. Imagino que explorar essas conexões possa ser um desafio para novas pesquisas que *Before Boas* tão habilmente nos estimula a continuar.

José Gabriel Silveira Corrêa

josegabrielcorrea@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande

